

## Expressão do valor genérico nos provérbios portugueses e croatas

Nina Lanović  
nlanovic@ffzg.hr

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Zagreb  
(Croácia)*

### ABSTRACT.

Starting from the hypothesis that proverbs represent prototypes of generic sentences and considering that, in our view, they have not been properly studied in the field of linguistics (especially Croatian linguistics), we propose in this work to reflect on the mechanisms that convey the generic value of proverbs. We believe that the generic interpretation in a proverbial context arises from the interaction of several factors – from the linguistic (semantic-pragmatic) ones to certain conceptual mechanisms. At the linguistic level, genericity is actualized in the behavior of several grammatical categories, from nouns and noun phrases, adverbial adjuncts, determiners and quantifiers, and temporal, aspectual and modal values, to the interpropositional relations that represent “type-situations”. For the purposes of this work, we focused on the noun phrase (in the subject position), an aspect that we find relevant even in terms of comparing Portuguese and Croatian proverbial texts, due to the differences between these two languages in the expression of the category (*in*)determination. The problematization of the properties of the subject noun phrase necessarily requires considering the semantic nature of predications. Since genericity is a linguistic, but also a logical and conceptual “universal”, we propose to investigate the mechanisms in which it is actualized in (European) Portuguese and Croatian proverbs.

### KEYWORDS.

Proverb; genericity; noun phrase; Portuguese; Croatian.

### RESUMO.

Partindo da hipótese de que os provérbios representam protótipos de frases genéricas e tendo em vista que tradicionalmente não têm sido, a nosso ver, devidamente estudados no âmbito da linguística (especialmente da linguística croata), propomos neste trabalho uma reflexão sobre os mecanismos que veiculam o valor genérico dos provérbios. Julgamos que a interpretação genérica, no caso de texto proverbial, resulta da interação de vários fatores – desde os linguísticos, de natureza semântico-pragmática, até certos mecanismos conceptuais. Ao nível linguístico, a genericidade é atualizada no comportamento de várias categorias gramaticais, desde os nomes e sintagmas nominais, adjuntos adverbiais, determinantes e quantificadores, passando pelos valores temporais, aspetuais e modais, até às relações interproposicionais que representam “situações-tipo”. Para fins deste trabalho, concentrámo-nos no sintagma nominal

(na posição de sujeito), o aspeto que achamos relevante inclusive em termos de comparação dos textos proverbiais em português e croata, devido às diferenças na expressão da categoria (*in*)*determinação* entre duas línguas. A problematização das propriedades do sintagma nominal sujeito requer necessariamente o recurso à natureza semântica das predicções. Sendo a genericidade um “universal” linguístico, mas também lógico e conceptual, propomos-nos indagar os mecanismos em que se atualiza nos provérbios portugueses (Português Europeu) e croatas.

#### PALAVRAS-CHAVE.

Provérbio; genericidade; sintagma nominal; português; croata.

## 1. Introdução

Para começar, gostaríamos de mencionar um precioso texto que, há muitos anos, alargou significativamente os nossos horizontes em termos de estudo do texto proverbial – *Texto proverbial português: Elementos para uma análise semântica e pragmática* de Ana Cristina Macário Lopes (1992). Foi essa tese que nos elucidou sobre uma gama de aspetos e possibilidades de abordagem do material paremiológico do ponto de vista de vários quadros teóricos no âmbito da linguística, tendo em vista que o provérbio – tradicionalmente visto, em princípio, como um “monólito petrificado” de sabedoria popular – tem sido estudado antes como um fenómeno cultural ou etnológico-folclorístico e, eventualmente, estilístico ou filológico.

Há vários aspetos do texto proverbial problematizados na tese de Lopes (1992) que têm sido, desde então, abordados tanto no âmbito da paremiologia como no da fraseologia ou semântica lexical, e ainda merecem, na nossa opinião, investigação mais profunda. O nosso ponto de partida para este trabalho será o seguinte: a *genericidade* é a propriedade essencial do texto proverbial, como também o provérbio é a forma prototípica da atualização do valor genérico. É sobre esta premissa que nos propomos refletir neste texto.<sup>1</sup>

---

1 Este trabalho foi parcialmente apresentado (na sua fase inicial) nas 6.<sup>as</sup> Jornadas de Língua Portuguesa e culturas lusófonas da Europa Central e de Leste em Cracóvia, em setembro de 2018.

## 2. Traços definidores do *provérbio*

Temos que explicitar, desde já, que não nos aventuraremos, neste trabalho, em nenhum tipo de classificações e subclassificações do texto proverbial – existem muitas e variam muito de autor para autor – não por não serem dignas de reflexão e aprofundamento, mas para não nos desviarmos do tema central do estudo. A variedade das definições e das classificações é acompanhada por uma variedade dos termos que se utilizam tanto para designar a categoria guarda-chuva, como para todas as subclasses ou subtipos. Precisando neste momento apenas de um termo operacional para fins deste trabalho, optámos (em concorrência com o termo *parémia*) pelo termo *provérbio*, que parece ser, na tradição portuguesa, o mais utilizado na representação do protótipo do material paremiológico. Segundo vários autores, principalmente fraseólogos e paremiólogos, estes seriam os traços principais que definem um provérbio prototípico: *lexicalização, autonomia sintática e semântica, autonomia textual, valor de verdade geral, carácter anónimo, estrutura concisa, instrumento didático, sentencioso, axiomático, mnemónico, figurado, idiomático, metafórico, metonímico, universal, genérico, ageográfico, atemporal*. Estes últimos serão ainda problematizados, daqui por diante, no contexto de genericidade.

## 3. Para a definição do *genérico*

Cabe-nos definir, desde já, o conceito de *genericidade* para fins deste estudo. Além de uma definição semântica, teremos em conta também as interpretações do valor genérico no contexto dos estudos proverbiais, que apontam para algumas especificidades do género, para além do que é imanente às frases genéricas em geral.

Entre muitos autores que têm tematizado a genericidade, Krifka *et al.* (1995) apontam para o facto de que se trata de um conceito tanto filosófico (e lógico) como linguístico. Segundo eles, abarca dois fenómenos distintos: um “kind-referring NP” (ou “generic NP”), ou seja, um nome ou sintagma nominal que não refere um indivíduo ou objeto particular, mas entidades de tipo *espécie* (“genus”) e, por outro lado, uma “kind predication”, uma proposição que não expressa episódios específicos ou factos isolados,

mas um tipo de propriedade geral ou uma regularidade que engloba um conjunto de episódios ou factos particulares. Trata-se de orações genéricas, ou “characterizing sentences”, que exprimem certas generalizações e que moldam, segundo os autores, uma grande parte do nosso conhecimento do mundo.<sup>2</sup> As frases genéricas, em princípio, correlacionam os dois fenómenos, pelo que consideramos relevantes para o nosso trabalho sobretudo os estudos que têm problematizado a interdependência ou inter-relação entre eles (Carlson 1982, Chierchia 1995, Krifka *et al.* 1995, Oliveira & Silva 2007 e outros). Alinhámos aqui com Lopes (1992: 133), a dizer que é justamente da interação entre os valores referênciais das entidades tematizadas no texto proverbial com os valores temporo-aspetais dos predicados que nasce a interpretação genérica dos provérbios.

A referência genérica, ao contrário de outros tipos de referência, identifica uma *classe* inteira de entidades percebida como um todo (Lyons 1977, Cruse 2006, Hurford *et al.* 2007). Para nos aproximarmos a uns pontos específicos e pertinentes que caracterizam a genericidade no caso dos provérbios – por exemplo, a distinção *genérico X universal* – paremos ilustrativo um trecho de Lopes & Santos (1993), tematizando os traços comuns das frases genéricas, apesar das diferenças que exibem no plano morfossintático:

[...] nenhuma das frases descreve um evento episódico, espaço-temporalmente delimitado; são frases que exprimem regularidades, estados de coisas habituais, ou que afectam propriedades a entidades que não são nem indivíduos específicos nem grupos específicos de indivíduos, ancorados no espaço e no tempo. Assim sendo, o valor de verdade destas frases não poderá ser calculado em função de índices espaço-temporais determinados.

Lopes & Santos (1993: 1)

Portanto, o genérico difere do específico, mas também difere do universal – a distinção que, no caso dos provérbios, é relevante tanto ao nível linguístico, como ao nível conceptual. Tal como todas as frases genéricas, os provérbios representam verdades gerais *por defeito* (e não

---

<sup>2</sup> “Much of our knowledge of the world, and many of our beliefs about the world, are couched in terms of characterizing sentences. Such sentences, we take it, are either true or false – they are not ‘indeterminate’ or ‘figurative’ or ‘metaphorical’ or ‘sloppy talk’.” (Krifka *et al.* 1995: 3)

verdades universais); são considerados verdadeiros, apesar da existência (e o conhecimento da existência) das exceções, contradições ou contra-exemplos (Schubert & Pelletier 1988, Krifka et al. 1995, Corpas Pastor 1996).<sup>3</sup> Os provérbios não veiculam asserções sobre factos episódicos, mas sobre situações genéricas; na ausência de informação contrária, a informação genérica é verificada pelas instâncias episódicas das *situações-tipo* descritas (Kleiber 1989). É de notar também que a contradição é uma propriedade frequente das teorias populares e dos estereótipos que são muitas vezes a fonte da motivação semântica dos provérbios.

#### 4. Mecanismos conceptuais e metalinguísticos ativados na interpretação genérica dos provérbios

A nosso ver, a interpretação genérica dos provérbios, ao contrário de outras frases genéricas, resulta de vários tipos de mecanismos – além dos recursos linguísticos (de natureza semântico-sintática), ativam-se certos mecanismos cognitivos ou conceptuais, e tudo por meio de “estímulos” de tipo pragmático-discursivo, que efetivamente sinalizam que está em questão o texto proverbial. Portanto, no caso do provérbio não só estamos perante um contexto genérico, mas perante um tipo específico do contexto genérico que tem as suas especificidades de interpretação – o contexto proverbial.

O provérbio é um *texto institucionalizado com uma interpretação-padrão* que é sempre genérica e, muito comumente, motivada por algumas teorias populares ou estereótipos. Como diz Lopes (1992: 125-126), “[...] sabendo nós que um provérbio é um tipo particular de texto que se pretende veículo de expressão de verdades gerais acerca do mundo, baseadas no sistema de conhecimentos e crenças tradicionais que alicerçam a vida de uma comunidade linguístico-cultural, facilmente optamos pela leitura figurada e genérica”. Aceitamos o provérbio tal como é, no contexto de comunicação em que é utilizado, não questionando asserções que contém;

---

3 Corpas Pastor sublinha que a contradição é apenas aparente – “[...] pues no se trata de verdades opuestas, sino de verdades generales por defecto que se aplican a realidades distintas.” (Corpas Pastor 1996: 163). Segundo Anscombe, a partir da perspetiva lógica, “[...] en el caso de una [paremia], L sólo admite la validez del principio que encierra la [paremia], dejando abierta la posibilidad de identificarse o no con el *Omni*-locutor, o sea de aplicar o no el principio a la situación.” (Anscombe 2010: 34).

é absolutamente irrelevante se acreditamos ou não nessas asserções e não é obrigatório identificarmo-nos com um “enunciador coletivo” implícito que o provérbio põe em cena.

Para se realizar uma tal interpretação, estão em jogo vários tipos de mecanismos. O provérbio é muitas vezes (não obrigatoriamente) introduzido por expressões “metalinguísticas apresentadoras” (p.e. *como diz o povo, como se costuma dizer, como se diz, como diz o provérbio, como dizem os velhos* e outras) que, inclusivamente, apresentam a forma sentenciosa como um argumento de autoridade (Anscombe 2010: 28). O termo que Anscombe usa para esse tipo de expressões é “marcadores mediativos específicos”, considerando a “dimensão mediativa” uma das três dimensões essenciais do “fenómeno parémico” (outras duas são a genérica e a léxica). Outro estímulo importante para ativar os mecanismos de índole cognitivo-conceptual específicos são os “elementos mnemónicos” ou esquemas rítmicos e sintáticos específicos do provérbio. Em alguns casos, um léxico específico – frequentemente arcaico – também serve de *trigger* para a ativação da “leitura genérico-proverbial”.

Quanto a mecanismos cognitivos, entre muitas abordagens e interpretações possíveis, optámos aqui por apresentar a proposta de Lakoff & Turner (1989). Eles identificam a metáfora conceptual GENÉRICO é ESPECÍFICO como a base da compreensão e interpretação do texto proverbial: “There exists a single generic-level metaphor, GENERIC is SPECIFIC, which maps a single specific-level schema onto an indefinitely large number of parallel specific-level schemas that all have the same generic-level structure as the source-domain schema” (Lakoff & Turner 1989: 162). Esta metáfora conceptual, em combinação com o modelo cultural que denominam *The Great Chain of Being*, uma teoria popular inconsciente sobre a relação entre as propriedades e o comportamento chamada *the Nature of Things* e *the Maxim of Quantity* (um princípio pragmático de comunicação: seja tão informativo quanto é necessário e não mais do que isso) formam, em conjunto, o princípio essencial do entendimento dos provérbios.

Em relação a isso, segue-se a opinião de Sullivan & Sweetser (2010), que, em princípio, partilhamos:

“In answer to the question, ‘Is ‘Generic is Specific’ a metaphor?’ then, the best response might be ‘Does it matter?’ Human beings use many types of conceptual structures in reasoning and in language. We cannot expect that these structures will belong to hard-and-fast categories, any more than we can expect to find hard-and-fast categories in most other areas of human cognition. Identifying, modelling and understanding the structures that occur, then, may be more productive than assigning labels and trying to confine these conceptual structures to artificially invented categories.”

Sullivan & Sweetser (2010: 327)

Em todo o caso, concordamos basicamente com Corpas Pastor (1996) quando diz que, no entendimento dos provérbios, está em questão uma interação de diversos parâmetros: ativação de mecanismos inferenciais baseados no saber enciclopédico dos falantes, desencadeamento de operações cognitivas, como abstração e generalização, bem como as inferências analógicas.

## 5. Expressão linguística da genericidade

### 5.1. O sintagma nominal nos provérbios portugueses

Sem preocupação de sermos exaustivos, tentaremos apontar algumas propriedades semântico-sintáticas dos provérbios portugueses, nos exemplos em que o comportamento das categorias linguísticas é condicionado pelos contextos tanto genérico como proverbial e que achamos representativos para depois serem comparados com os provérbios croatas. Mais concretamente ainda, limitamo-nos, para fins deste trabalho, ao caso do *sintagma nominal*. Uma das propriedades linguísticas e lógicas universais, mas com diversa expressão linguística entre idiomas, é a distinção *determinação X indeterminação*; como o croata não marca essa categoria por meio do artigo, parece-nos adequada para servir de *tertium comparationis* entre duas línguas, tudo em função da expressão da referência genérica.

O referente dos nomes ou sintagmas nominais nos provérbios nunca é um indivíduo ou um grupo de indivíduos determinados e específicos. Como

explicita Lopes (1992: 88): “Nos enunciados proverbiais referenciam-se sempre *entidades-tipo*, ou seja, entidades não ancoradas no espaço e no tempo”.<sup>4</sup> Tal referente representa uma *classe* percebida como unidade, um conjunto tomado na sua totalidade. A *espécie*, como conjunto de propriedades prototípicas, resulta dos processos de categorização do mundo; o específico dos provérbios é que “propriedades não reconhecidas *a priori* como essenciais ou características da espécie são automaticamente promovidas a propriedades prototípicas dessa espécie, pelo simples facto de ocorrerem no molde de um enunciado genérico” (Lopes 1992).<sup>5</sup> É um caso de ativação dos mecanismos de índole cognitiva brevemente abordados no cap. 4.

As expressões nominais que designam entidades podem, nas frases genéricas, aparecer com ou sem determinantes; no contexto genérico é muito comum os SN definidos designarem uma espécie, ou seja, atualizarem a referência genérica. O comportamento do SN não se pode interpretar independentemente da natureza semântica das predicções (p.e. Oliveira & Silva 2007), para o que tentaremos chamar a atenção na descrição dos exemplos que se seguem (aqui classificados segundo o tipo da referência nominal).

#### 5.0.1. SN (sujeito) com artigo definido

Miguel & Raposo (2013) afirmam que, entre os determinantes,

“[...] apenas o artigo definido pode ser usado num sintagma nominal com uma “verdadeira” leitura de referência genérica a uma espécie. Esta capacidade do artigo definido deve-se, plausivelmente, à sua propriedade “generalizadora” de quantificador universal, refletida nas condições de unicidade e de inclusividade.”

Miguel & Raposo (2013: 835)

---

4 Acrescenta ainda que um tal SN é genericamente interpretado quando não há complementos de valor restritivo susceptíveis de especificarem a referência a um elemento específico do conjunto denotado pelo SN (Lopes 1992: 88).

5 “A definitude marcada pelo determinante seleccionado é uma definitude cognitiva: o referente entendido integra o nosso conhecimento do mundo, adquirido graças à categorização da experiência do real que a conceptualização viabiliza.” (Lopes 1992: 88)

Em termos de referência genérica, muitos autores apontam a relevância da subdivisão de natureza semântica entre *nomes contáveis* e *nomes massivos* (ou *não-contáveis*); nos exemplos (1a) e (1b) o SN contável é introduzido pelo artigo definido no singular, denotando uma espécie:

- (1) a. O leão não caça pardais.
- b. O bom filho à casa torna.

No exemplo (1a) o predicado é agentivo, de processo, mas com o valor aspetual neutralizado pelo contexto proverbial; refere-se, em princípio, a uma *propriedade* da espécie, da entidade genérica. Devido ao uso do presente – o tempo verbal com valor atemporal –, o predicado de processo exprime aqui *habitualidade* e tem leitura genérica. O exemplo (1b) é um caso de predicado de evento pontual, que, em princípio, descreve o *estado* consequente desse evento; a natureza não-específica da entidade-tipo representada pelo SN afeta a natureza da predicação.<sup>6</sup>

- (2) a. As palavras são como as cerejas.
- b. As moscas não se apanham com vinagre.

Os exemplos (2a) e (2b) são também casos de nomes contáveis com o artigo definido, mas no plural. Segundo a interpretação de Lopes (1992), o artigo definido plural, nas frases genéricas, desempenha tipicamente a função de *quantificador universal*, utilizado quando se pretende fazer referência a todos os componentes de um dado conjunto contextualmente definido. Indica, no entanto, que, quando não há qualquer determinação contextual, o SN introduzido pelo artigo definido plural pode designar um conjunto básico considerado em toda a sua extensão. O predicado estativo (2a) é a forma privilegiada das asserções proverbiais; descreve aqui um estado, uma situação não delimitada temporalmente, que estabelece uma pressuposta relação entre as propriedades de duas espécies. Em (2b) a leitura genérica é veiculada pelo predicado de processo culminado; a construção passiva se “apassivador” + o verbo no presente atemporal é, em

---

6 O modificador *bom* não impossibilita a leitura genérica – não restringe a referência porque não se refere a um objeto específico, mas designa também uma espécie (uma espécie “derivada”).

português, um instrumento gramatical eficaz para a alteração da *Aktionsart* de todos os predicados de evento. Não exprime o agente do processo, o que facilita a não ancoragem num espaço e tempo determinados; denota processos iterados e um estado habitual (Lopes 1992: 173).

Os nomes massivos e não-contáveis (abstratos) aparecem exclusivamente com o artigo definido singular (3a-d); a entidade, em princípio, representa também uma espécie:

- (3) a. O dinheiro cala a verdade.
- b. O bom vinho escusa pregação.
- c. A afeição cega a razão.
- d. O tempo mostra o amigo.

#### 5.1.2. SN (sujeito) com artigo indefinido

O artigo indefinido, introduzindo o SN sujeito nos provérbios – com valor genérico – é significativamente menos comum do que o artigo definido e aparece exclusivamente no singular. Oliveira & Silva (2007: 231) notam que, nos contextos genéricos, os indefinidos singular e plural manifestam um comportamento diferente e que, em vários tipos de predicções, apenas o singular autoriza a leitura genérica. Lopes (1992) indica que, no caso do SN introduzido pelo artigo indefinido, não há uma referência direta à espécie, mas a um *membro-típico da espécie*; quando não há restrições contextuais, torna-se possível interpretar o enunciado genericamente.

- (4) a. Um bom conselho, até de um tolo se aceita.
- b. Um burro carregado de livros é um doutor.
- c. Um cego não pode ser juiz em cores.
- d. Um tolo tem sempre outro que o admira.

Há casos em que não é fácil distinguir se se trata de um artigo indefinido ou de um *quantificador numeral* – os quantificadores numerais nos provérbios não referem uma espécie, mas o alcance da predicção também é universal. Enquanto (5a,b) são, sem dúvida, exemplos de quantificação numeral, os exemplos (5c,d) parecem-nos ambivalentes.

- (5) a. Uma ovelha má põe o rebanho a perder.
- b. Um grão não enche o celeiro, mas ajuda o seu companheiro.
- c. Uma desgraça nunca vem só.
- d. Um homem prevenido vale por dois.

### 5.1.3. SN (sujeito) com um quantificador universal

Como diz Lopes (1992: 107), com os quantificadores universais, a propriedade é “distributivamente predicada”, ou seja, atribuída a todos os membros do conjunto denotado pelo nome comum que funciona como núcleo do SN. Apesar de tal estrutura, do ponto de vista tanto lógico como semântico, não admitir exceções, o próprio contexto proverbial ativa mecanismos não-linguísticos (ou não puramente linguísticos) que induzem uma interpretação genérica. Nos exemplos que se seguem, *todo* é quantificador de contagem:

- (6) a. Todos os diabos são parecidos.
- b. Todo o burro come palha, a questão é saber dar-lha.
- c. Cada passarinho gosta do seu ninho.

Entre os provérbios portugueses com quantificadores universais, parecem bastante frequentes os que contêm uma locução adverbial na posição de tópico marcado. Tais estruturas, numa das possíveis interpretações, que nos parece plausível, correspondem a condicionais genéricas condensadas (v. Lopes & Santos 1993), no sentido de estabelecerem as condições ou – como refere Lopes (1992: 119) – um “cenário”, principalmente de índole espaço-temporal, em que ocorre a situação-tipo denotada, estabelecendo uma correlação fixa entre as condições e a predicação consequente.

- (7) a. De noite, todos os gatos são pardos.
- b. Depois de comer e beber, cada qual dá o seu parecer.
- c. Em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

#### 5.1.4. SN (sujeito) sem determinantes

Peres (2013: 791-796) salienta uma forte ligação dos sintagmas nominais reduzidos com o discurso de carácter aforístico e sentencioso, portanto, com um valor aspetual genérico que está bem patente nos provérbios. Isso refere-se tanto a SNs reduzidos singulares, como plurais, tanto na posição de sujeito, como com outras funções sintáticas. Geralmente, o valor predominante dos SN reduzidos é o valor (referencial genérico) de tipo. Segundo Lopes (1992: 110), “[...] em português, o nome comum em função de sujeito só ocorre sem determinantes quando é genericamente interpretado [...]. Nestes casos, funciona sempre como nome próprio de uma entidade (a espécie ou a espécie derivada, se eventualmente for seguido de um modificador).” Oliveira & Silva (2007) notam que os nomes simples em posição de sujeito pré-verbal sem modificadores são muito raros. Nos provérbios, a estrutura mais comum é o nome com um modificador – adjetivo (8a), sintagma preposicional (8b, c) ou frase relativa não especificadora (8d), designando uma espécie derivada.

- (8) a. Desejo proibido é o mais apetecido.
- b. Filho de peixe sabe nadar.
- c. Santos da casa não fazem milagres.
- d. Cão que ladra não morde.

Todos os exemplos são casos de predicados estativos, privilegiados para as asserções proverbiais. O tempo é presente do indicativo, típico das formas sentenciosas, por ser *atemporal*, uma forma não marcada do tempo – por muitos autores chamado “gnómico” – que descreve as situações-tipo, ou relações entre situações-tipo.

O subtipo mais numeroso dos provérbios com SN sem determinantes são as *frases nominais bimembres*, a forma privilegiada para expressar “verdades gerais, omnitemporais e impessoais” (Lopes 1992), porque anulam o parâmetro tempo. Além disso, têm uma estrutura rítmica específica, que, para muitos autores, é um dos traços mais típicos do provérbio, contribuindo para a sua reprodução e institucionalização.

- (9) a. Grande nau, grande tormenta.  
b. Língua de mel, coração de fel.  
c. Obra apressada, obra estragada.  
d. Amores arrufados, amores dobrados.

#### 5.1.5. Infinitivo nominalizado (sujeito)

O infinitivo como nome sujeito parece também adequado para o texto proverbial, denotando um estado com localização espaço-temporal indeterminada ou indivíduos indeterminados. Como um conjunto de situações episódicas, denota uma situação-tipo:

- (10) a. Oferecer e não dar é dever e não pagar.  
b. Trabalhar e ganhar ensinam a gastar.  
c. Dar bofetada e esconder a mão é de vilão.  
d. Perguntar não ofende.

#### 5.1.6. Orações relativas de antecedente implícito (sujeito)

Este tipo de estruturas é muito frequente nos provérbios portugueses, sobretudo as com o pronome *quem*. Além de a relativa sem antecedente ser uma estrutura concisa e económica, adequada para esse tipo de discurso, o pronome – nomeadamente *quem* – tem função de operador de quantificação universal sobre o conjunto dos indivíduos correspondentes ao nome-antecedente implícito:

- (11) a. Quem pode manda, quem deve obedece.  
b. Quem fala em barca quer embarcar.  
c. Quem do vinho é amigo cedo está perdido.  
d. O que os olhos não vêem, o coração não sente.

### 5.1.7. Nomes próprios (antropónimos)

Os nomes próprios, como referem Raposo & Nascimento (2013: 995) “têm como função primordial referir de modo individualizado entidades particulares do mundo, presentes ou passadas, vivas ou mortas, reais ou imaginárias”. No entanto, o contexto genérico proverbial modifica os valores referenciais e semânticos do nome próprio de modo a transitar para nome comum genericamente interpretado que, de certo modo, adquire um valor simbólico. Marković (2010) tematiza o uso dos antropónimos como componentes das expressões idiomáticas e dos provérbios, designando tal uso de “omni-pessoal”. Refere que, quando um nome próprio típico de uma comunidade linguística se torna um nome comum (de cada um ou qualquer um), não se pode considerar uma sinédoque, ou seja, uma metonímia, por mais que pareça.

- (12) a. A Maria vai com as outras.  
b. Bem canta a Marta depois de farta.  
c. Maria que em casa fica, se não come, depenica.  
d. Se bem me quer João, suas obras o dirão.  
e. Em casa de Gonçalo, manda mais a galinha que o galo.  
f. Ai, Miguel, Miguel, que não tens abelhas e vendes mel.

Em (12a,b,c,d) os nomes próprios “Maria”, “Marta” e “João” correspondem aos nomes comuns “mulher” e “homem” (talvez até “mulher portuguesa” e “homem português” – como conjunto de propriedades típicas), designando *entidades-tipo*. Em (12e,f), além dessa função, outro motivo de tipo formal impõe-se como principal: o paralelismo fónico ou rima interna. Diga-se, a propósito, que, nos provérbios croatas, o uso dos antropónimos designando *entidades-tipo* é muito raro.

### 5.2. O sintagma nominal nos provérbios croatas

Na literatura linguística croata, não há muitos autores que tenham problematizado a genericidade ou a referência genérica tal como é expressa na língua croata (e não encontramos nenhum estudo que a examinasse no

contexto proverbial). Por outro lado, muitos tematizaram a categoria de (*in*) *determinação*, o que nos parece relevante de referir, já que é por meio dessa categoria que se atualiza a referencialidade, como uma propriedade inerente do sintagma nominal. A (*in*)*determinação* é um universal linguístico, mas os recursos linguísticos que a atualizam diferem de língua para língua, especialmente quando não são geneticamente próximas.

Belaj & Tanacković Faletar (2014: 163-166), autores da gramática cognitiva do croata, referem que os sintagmas nominais genéricos denotando espécie compreendem as expressões genéricas com o *quantificador nulo*, ou seja, uma quantificação implícita. Nos sintagmas nominais genéricos plurais, trata-se do quantificador nulo relativo *svi* ('todos') e, nos singulares, também genericamente interpretados, do quantificador nulo relativo *svaki* ('cada'), compatível com a referência individual. Salientam também que a interpretação das frases com um quantificador nulo difere da dos enunciados com um quantificador explícito, porque estes últimos têm leitura universal, e não genérica (*ØLeões são animais ferozes. X Todos os leões são animais ferozes.*).

Segundo Belaj & Tanacković Faletar (2014), os sintagmas nominais genéricos também são atualizados por meio de adjetivos nominalizados, tanto no plural como no singular (*Mladi rijetko slušaju starije* 'Os jovens raramente obedecem aos mais velhos', *Sit gladnu ne vjeruje* 'O cheio não acredita no faminto'), e de determinantes demonstrativos nominalizados (*taj* 'esse', *takav* 'tal', *onaj* 'aquele', *onakav* 'daquele tipo'), adequados por contribuírem para uma generalização do significado, distanciando a referência do contexto concreto de comunicação. Claro que os adjetivos e demonstrativos nominalizados não são uma característica exclusiva dos sintagmas genéricos; mas o que é característico é ocorrerem, no contexto genérico, principalmente na sua forma indeterminada, que é mais neutra e não sujeita a restrições.

É que a grande maioria dos adjetivos croatas conhece duas formas, a *determinada* e a *indeterminada* (*mlad-mladi* 'jovemSG.MASC.INDEF.-jovemSG.MASC.DEF.', *veseo-veseli* 'alegreSG.MASC.INDEF.-alegreSG.MASC.DEF.', *tužan-tužni* 'tristeSG.MASC.INDEF.-tristeSG.MASC.DEF.', *crven-crveni* 'vermelhoSG.MASC.INDEF.-vermelhoSG.MASC.DEF.') – é a única categoria no croata que conhece uma distinção formal *determinação/*

*indeterminação* e que é supostamente um equivalente do artigo português. É o que dizem as gramáticas, sobretudo as de tipo normativo, mas na realidade essa oposição não é distintiva. Os falantes nativos do croata geralmente não distinguem as duas formas e não as utilizam para expressar (in)determinação. Utilizam-no apenas em função de predicado – onde a forma aceitável é a indefinida – mas esse uso é irrelevante em termos de (in) determinação.

Kukić (2018) dedica-se no seu estudo à língua sérvia, mais exatamente aos equivalentes sérvios do artigo italiano do ponto de vista de referencialidade; a autora identifica os recursos linguísticos que atualizam a referência genérica no sérvio, o que também se pode aplicar ao croata, outra língua que (pelo menos por enquanto) não conhece artigo: a) os nomes comuns, tanto contáveis como massivos e abstratos, ou sintagmas nominais sem determinantes no singular, b) os nomes e sintagmas nominais contáveis sem determinantes no plural e c) o quantificador universal explícito *svaki* ('cada').<sup>7</sup>

Mencionemos desde já que Pivčević (2019) considera que – dependendo do contexto – a referência genérica pode também ser veiculada pelos nomes e sintagmas nominais no plural, acompanhados por um modificador.

Já mencionámos que, recentemente, autores croatas (Silić 2000, Pranjković 2000, Šarić 2002, Marković 2002, Znika 2006, Bajrić 2006, Bikić-Carić 2008, Pivčević 2019, entre outros) têm problematizado os modos de expressão da categoria (in)determinação no croata, motivados sobretudo pela inexistência do artigo e procurando identificar seus possíveis equivalentes funcionais. Reconhecem-nos nas formas determinada/indeterminada de adjetivo, no numeral *jedan* ('um'), nos pronomes demonstrativos *taj* ('esse'), *ovaj* ('este'), *onaj* ('aquele'), na ordem de palavras, no sistema dos casos, e também na ausência de qualquer categoria gramatical precedente ao nome, que não anula necessariamente a função do mesmo ("artigo nulo"). Silić (2000) toma uma atitude extrema, afirmando que o croata já tem artigos, argumentando sobretudo com o numeral *jedan* ('um') como equivalente do artigo indefinido (e não é o único autor que já o

---

7 Quanto ao quantificador universal explícito *svaki* ('cada'), nas frases genéricas do discurso não-proverbial tem, em princípio, leitura universal (v. Belaj & Tanacković Faletar 2014), mas, no discurso proverbial, onde a interpretação genérica não é veiculada exclusivamente ao nível linguístico, parece absolutamente aceitável – o que é provado pelo próprio texto proverbial de ambas as línguas em questão.

designa de “artigo indefinido”) e, por outro lado, pelo demonstrativo como equivalente do artigo definido. Ao lado de muitos autores que argumentam que o (tradicionalmente classificado como) numeral *jedan* funciona cada vez mais como um artigo indefinido – Bajrić (2006) designa-o *nom-article* – Šarić (2002) acrescenta que o determinante indefinido *neki* (‘algum’), na opinião dela, funciona como artigo indefinido, substituível por *jedan* (*Na vratima je stajala jedna žena. ~ Na vratima je stajala neka žena. ‘Uma mulher estava à porta.’*).

Ao lado dos vários recursos que existem no croata para atualizar a categoria (in)determinação – de tipo semântico, morfológico e sintático –, Bikić-Carić (2008), interpretando os resultados da sua análise de *corpus*, conclui que o “equivalente” croata mais frequente de todos os tipos de artigo no francês e romeno é o “equivalente nulo”. Isto é, o croata, na maioria dos casos, não determina formalmente (gramaticalmente) o sintagma nominal,<sup>8</sup> o que não quer dizer que ele não seja determinado – parece que o modo principal e, na maioria dos casos, suficiente, para atualizar a categoria de (in)determinação em croata é o próprio contexto.

### 5.2.1. SN (sujeito) sem determinantes

Em croata, os nomes simples sem determinantes, com ou sem modificadores, são definitivamente a forma mais determinada do nome – sendo uma forma generalizadora, têm nos provérbios uma leitura de referência genérica a uma espécie (ou, eventualmente, uma espécie derivada), que representa um conjunto homogêneo de todas as unidades.

- (13) a. Gavran gavranu oči zbosti neće. *‘Um corvo a outro corvo não fura os olhos.’*  
b. Veća riba manju jede. *‘O peixe maior come o menor.’*  
c. Slatka riječ gvozdена vrata otvara. *‘(Uma) palavra doce abre as portas de ferro.’*  
d. Bregovi se sastaju, a ne bi ljudi. *‘Os montes juntam-se e os*

---

<sup>8</sup> Bajrić (2006: 105) até nota uma forte tendência do croata para evitar qualquer forma linguística que preceda o nome (“[...] l’impossibilité de numéral *jedan* est contenue dans une ‘forte absence’ de toute forme linguistique devant le nom.”).

*homens não.*'

e. Ljudi se jezikom, a živine konopom vežu. '*Os homens amarram-se com a língua e as bestas com a corda.*'

f. Tiha voda brege dere. '*Água mansa arromba os montes.*'

g. Dobro se samo hvali. '*O bem louva-se a si mesmo.*'

h. Jedna lasta ne čini proljeće. '*Uma andorinha não faz primavera.*'

i. Jedan grijeh rađa sto grijeha. '*Um pecado gera cem pecados.*'

Os exemplos (13a-c) são casos de nomes contáveis no singular, em (13b,c) acompanhados de modificadores. Em (13d,e) os nomes contáveis vêm no plural. Os exemplos (13f,g) são casos de nomes não-contáveis, que aparecem exclusivamente no singular. Nos exemplos (13h,i), o nome é precedido de *jedan* ('um'), mas com um claro significado de quantificador numeral e não de artigo indefinido. Os exemplos (14a-c) são frases nominais bimebres, estruturas atemporais privilegiadas do contexto proverbial, tanto no croata como no português (v. 5.1.4).

- (14) a. Dobar muk, zlatna besjeda. '*Bom silêncio, sermão de ouro.*'  
b. Ljubav ženska, mreža vražja. '*Amor de mulher, rede de Diabo.*'  
c. Bog visoko, a pravda daleko. '*Deus nas alturas e justiça longe.*'

#### 5.2.2. SN (sujeito) com um quantificador universal

Se os exemplos de 5.2.1. podem ser interpretados como uma quantificação implícita, que, p.e. para Belaj & Tanacković Faletar (2014), caracteriza a referência genérica, ao contrário da universal, o texto proverbial croata, tal como o português, contém muitos exemplos de SNs com os quantificadores universais explícitos, pelos quais uma propriedade é distributivamente predicada (v. 5.1.3).

- (15) a. Svi ljudi sve znaju. '*Todos os homens sabem tudo.*'  
b. Svatko je svoje sreće kovač. '*Cada um é ferreiro da sua própria sorte.*'  
c. Svaka krava svoje tele liže. '*Cada vaca lambe o seu bezerro.*'  
d. Svak je sebi najbliži. '*Cada um é o mais próximo a si próprio.*'

Os exemplos (16a,b) são casos de quantificadores universais nas estruturas proverbiais com locuções adverbiais na posição de tópico marcado e parecem ser menos numerosos do que no português:

- (16) a. U nevolji svi su puti ravni. *‘Em apuros, todas as estradas são retas.’*  
b. U mraku je svaka krava crna. *‘No escuro, cada vaca é preta.’*

### 5.2.3. Infinitivo nominalizado (sujeito)

Esta estrutura, denotando uma situação-tipo sem localização espaço-temporal, parece também ser menos frequente do que no português:

- (17) a. Obećati je gospodski, ispuniti je človečki. *‘Prometer é nobre, cumprir é humano.’*  
b. Biti v neznanosti je živeti v radosti. *‘Estar na ignorância é viver na alegria.’*

### 5.2.4. Orações relativas de antecedente implícito (sujeito)

É uma das estruturas mais frequentes nos provérbios croatas, com os pronomes *tko* (‘quem’) – com as suas variedades informais ou dialetais *ko* e *ki* – e *što* (‘o que’) com função de operadores de quantificação universal sobre o conjunto denotado pelo nome implícito (v. 5.1.6):

- (18) a. Tko rano rani, dvije sreće grabi. *‘Quem cedo madruga duas sortes apanha.’*  
b. Ko umije, njemu dvije. *‘Quem sabe ganha duas.’*  
c. Ki jima brodi, njegovo je more. *‘Quem tem navios, o mar é dele.’*  
d. Što se babi htilo, to se babi snilo. *‘O que a velha queria, a velha sonhava.’*  
e. Što trijezan misli, pijan govori. *‘O que o sóbrio pensa, o bêbado diz.’*

### 5.2.5. Adjetivo nominalizado (sujeito)

São bastante abundantes os provérbios croatas com os adjetivos nominalizados na posição de sujeito. Belaj & Tanacković Faletar (2014) salientam essa estrutura como uma das privilegiadas a atualizar a referência genérica no croata, por contribuir para a generalização do significado. Esses autores referem que, no contexto genérico, ocorre principalmente a forma indeterminada do adjetivo, mas isso não se verifica por completo no contexto proverbial, em que ocorrem as duas formas – indeterminada em (19a-c), determinada em (19d,e), tanto no singular (19a-e) como no plural (19f):

- (19) a. Sit gladnu ne vjeruje. *‘O cheio não acredita no faminto.’*  
 b. Ožežen kašu hladi. *‘O queimado esfria a sopa.’*  
 c. Bogat kako hoće, a ubog kako može. *‘O rico como quer e o pobre como pode.’*  
 d. Mladi skače, stari plače. *‘O jovem salta, o velho chora.’*  
 e. Hudi ne zna s ljudi. *‘Os maus não sabem lidar com outros.’*  
 f. Ludi boj biju, a mudri vino piju. *‘Os tolos lutam e os sábios bebem vinho.’*

## 6. Considerações finais

Sem preocupações de abrangermos a totalidade do tema, dedicámo-nos neste trabalho à expressão da genericidade, principalmente ao nível linguístico, nos provérbios portugueses e croatas, partindo da hipótese de que, tal como a interpretação genérica é a essência do texto proverbial, o provérbio é protótipo da frase genérica.

Quanto aos provérbios, achamos importante salientar que nos concentrámos, neste trabalho, no tipo prototípico, exibindo em princípio características indicadas no cap. 2. Estamos a sublinhar este facto porque uma grande parte do universo proverbial é ocupada pelos enunciados com função principalmente pragmática, cujo valor genérico é questionável. O que não quer dizer que não seja interessante investigá-los do mesmo ponto de vista.

Entre as “estratégias” linguísticas que atualizam o valor genérico, limitámo-nos neste trabalho a refletir sobre o sintagma nominal. Estamos completamente conscientes do facto de que o sintagma nominal nesses contextos é inter-dependente do tipo de predicação, o que neste trabalho não foi devidamente tratado em todos os casos, mas fica para aprofundar no futuro. Quanto ao sintagma nominal, em termos de contexto genérico, pensamos que o português e o croata – embora estruturalmente distantes – mostram algumas parecenças, especialmente nas estruturas mais comuns. O que nos parece o mais interessante é o facto de os nomes simples sem determinantes em croata, no singular e no plural, às vezes com modificadores, serem a forma privilegiada do SN genérico proverbial, denotando espécies. Isso indica que são eles, como a forma “mais determinada” do nome em croata, os equivalentes potenciais principais do artigo em português, e não, por exemplo, as formas determinada/indeterminada do adjetivo (como tem sido sugerido na literatura linguística tradicional croata), que, no contexto proverbial, se mostraram, pelo menos nos limites deste estudo, indistintos e irrelevantes.

Seria útil contrastar no futuro outros aspetos do enunciado proverbial, também a partir da perspectiva da referência genérica – além da já mencionada predicação (em correlação com o sintagma nominal), sobretudo a própria estrutura semântico-sintática da frase proverbial e as relações inter-proposicionais que se estabelecem. Numerosos estudos têm abordado a perspectiva lexical ou semântico-conceptual dos provérbios, ou então a motivação do seu significado idiomático (inclusive os nossos), mas as outras facetas do “fenómeno proverbial” não foram ainda devidamente problematizadas, sobretudo no que se refere ao croata.

Por fim, sugerimos que a interpretação genérica – e não universal – dos provérbios, no que diferem de frases genéricas em geral, não se deve exclusivamente às estruturas linguísticas, mas também a um outro tipo de mecanismos/processos de índole cognitiva ou conceptual que são ativados no momento em que nos confrontamos com um provérbio e que se relacionam com o nosso “saber enciclopédico” – ou, nas palavras de Langacker (1991: 264), “a structured world model” –, que nos possibilita, em princípio, o entendimento e interpretação dos enunciados do tipo genérico, especialmente do tipo proverbial. Portanto, na nossa opinião,

além de representar o protótipo da frase genérica, o *contexto proverbial* representa um subtipo do(s) contexto(s) genérico(s), que merece ser objeto de estudos específicos.

## REFERÊNCIAS

- Anscombre, J-C. (2010). Las formas sentenciosas: Un fenómeno lingüístico. *Revista de Investigación Lingüística*, 13, 17-43.
- Bajrić, S. (2006). Article et/ou numéral. In O. Soutet (Ed.), *Études de linguistique contrastive* (pp. 99-111). Presses de l'Université Paris-Sorbonne.
- Belaj, B., & Tanacković Faletar, G. (2014). *Kognitivna gramatika hrvatskoga jezika. Knjiga prva: Imenska sintagma i sintaksa padeža*. Disput.
- Bikić-Carić, G. (2008). *Član u francuskom i rumunjskom te njegovi hrvatski ekvivalenti u računalnom usporednom korpusu* [Tese de Doutorado]. Universidade de Zagreb.
- Carlson, G. (1982). Generic terms and generic sentences. *Journal of Philosophical Logic*, 11(2), 145-181.
- Chierchia, G. (1995). Individual-Level predicates as inherent generics. In G. Carlson, & F. Pelletier (Eds.), *The Generic Book* (pp. 176-223). Chicago University Press.
- Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseología española*. Gredos.
- Cruse, A. D. (2006). *A Glossary of Semantics and Pragmatics*. Edinburgh University Press.
- Hurford, J., Heasley B., & Smith, M. (2007). *Semantics: a coursebook*. Cambridge University Press.
- Kleiber, G. (1989). Sur la définition du proverbe. *Recherches Germaniques*, 2, 232-252.
- Krifka, M., Pelletier, F., Carlson, G., Meulen, A., Link, G., & Chierchia, G. (1995). Genericity: an introduction. In G. Carlson, & F. Pelletier (Eds.), *The Generic Book* (pp. 1-124). Chicago University Press.
- Kukić, T. N. (2018). *Semantičko-pragmatička analiza italijanskog člana i njegovi ekvivalenti u srpskom jeziku iz perspektive referencijalnosti* [Tese de Doutorado]. Universidade de Belgrado.
- Lakoff, G., & Turner, M. (1989). *More than cool reason: a Field Guide to Poetic Metaphor*. The University of Chicago Press.
- Langacker, R. W. (1991). *Foundations of Cognitive Grammar* (Vol. 2). Stanford University

Press.

- Lopes, A. C. M. (1992). *Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Coimbra.
- Lopes, A. C. M., & Santos, P. (1993). A condicionalidade das frases genéricas. *Cadernos de Semântica*, 17, 1-28.
- Lyons, C. (1977). *Semantics*. Cambridge University Press.
- Marković, I. (2002). Nešto o neodređenosti/određenosti u hrvatskome. *Rasprave Zavoda za hrvatski jezik*, 28(1), 103-150.
- Marković, I. (2010). O uporabi i značenju imenâ u hrvatskome. *Folia Onomastica Croatica*, (19), 175-202.
- Miguel, M., & Raposo, E. B. P. (2013). Determinantes. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 819-882). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F., & Silva, F. (2007). Indefinites and bare nouns in generic contexts in European Portuguese. *Verbum*, XXIX, 225-241.
- Peres, J. A. (2013). Semântica do sintagma nominal. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 735-828). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pivčević, M. (2019). Analiza i uporaba člana u francuskome i hrvatskome jeziku [Tese de Doutoramento]. Universidade de Zadar.
- Pranjković, I. (2000). Izražavanje neodređenosti/određenosti u hrvatskome jeziku. In A. Car-Mihec, M. Kovačević, I. Lukežić, I. Srdoč-Konestra, M. Stojević, & D. Stolac (Eds.), *Riječki filološki dani. Zbornik radova 3* (pp. 343-350). Faculdade de Filosofia da Universidade de Rijeka.
- Raposo, E. B. P., & do Nascimento, M. F. B. (2013). Nomes próprios. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Do Nascimento, M. A. C. Da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 993-1044). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Schubert, L. K., & Pelletier, F. (1988). An Outlook on Generic Statements. In Krifka, M. (Ed.), *Genericity in Natural Language* (pp. 357-372). Tübingen: Seminar für natürlich-sprachliche Systeme der Universität Tübingen.
- Silić, J. (2000). Kategorija neodređenosti/određenosti i načini njezina izražavanja. In A. Car-Mihec, M. Kovačević, I. Lukežić, I. Srdoč-Konestra, M. Stojević, & D. Stolac (Eds.), *Riječki filološki dani. Zbornik radova 3* (pp. 401-405). Faculdade de Filosofia da Universidade de Rijeka.
- Sullivan, K., & Sweetser, E. (2010). Is "Generic is Specific" a Metaphor? In F. Parril, V.

- Tobin, & M. Turner (Eds.), *Meaning, Form & Body* (pp. 309-328). CSLI Publications.
- Šarić, Lj. (2002). *Kvantifikacija u hrvatskome jeziku*. Institut za hrvatski jezik i jezikoslovlje.
- Znika, M. (2006). Kategorija određenosti i predikatno ime. *Jezik*, 53(1), 16-25.